

Marechal ODYLIO DENYS

*A Revolução
de 31 de Março de 1964*

(Resumo dos principais acontecimentos)

Do irmão Amigo
In Belos Havia de Melo Fuxpo
oferece o
Bayona
Campomas 1978

CONSTITUENTE DA REVOLUÇÃO
DE 1964
MARÇO DE 1964

Presidente Quadros

regime Parlamen-

regime Par-

para depor o

- Integranes do movimento e militares, enviados para o campo Cabo Arago.
- 20 — Ata de 2 trabalhos do Governador de Minas Gerais e com o Marechal Dantas.
- 21 — Ata de 10 trabalhos Dantas e Juiz de Fora, no encontro no Governador de Minas Gerais, Dr. Agostinho Pereira, ocasião em que foi feita a aliança do Governo desse Estado com as Forças Armadas Revolucionárias, representadas pelo Marechal Dantas.
- 22 — Relatório de Wergulides e praga, no Presi-
- 23 — Ata de 10 trabalhos revolucionários no Estado de Minas Gerais, com a entrada em

**CRONOLOGIA DA REVOLUÇÃO
DE 31 DE MARÇO DE 1964**

- 1961 — CRISE resultante da renúncia do Presidente Quadros.
- Manifesto dos Três Ministros Militares.
 - Aprovação da emenda instituindo o regime Parlamentarista.
- 1962 — Realização do plebiscito que fez voltar o regime Presidencialista.
- 1963 — Marechal Denys começa a conspiração para depor o Presidente.
- 1964 — Março — Comício da Central
- “ — Indisciplinas de marinheiros e fuzileiros, chefiados pelo chamado Cabo Anselmo.
 - “ 26 — Ida de 2 emissários do Governador de Minas Gerais à casa do Marechal Denys.
 - “ 28 — Ida do Marechal Denys a Juiz de Fora, ao encontro do Governador de Minas Gerais, Dr. Magalhães Pinto, ocasião em que foi feita a aliança do Governo desse Estado com as Forças Armadas Revolucionárias, representadas pelo Marechal Denys.
 - “ 30 — Banquete de Sargentos e praças, ao Presidente Goulart, no Automóvel Clube, no Rio.
 - “ 31 — Começo do movimento revolucionário no Estado de Minas Gerais, com a entrada em

quisessem agir pelas armas. Recorreram ao Marechal Denys, alegando que ele tinha grande vivência no Exército e fora um dos signatários do Manifesto dos três Ministros Militares. O Marechal Denys, assumindo esse encargo, resolveu encetar o trabalho de organizar a conspiração, levando em conta observações do passado, que deram derrota ou vitória em intentonas anteriores; para isso, procurou inicialmente amigos seus que estavam na tropa e, por intermédio deles, passou a arregimentar outros. Dada a premência da situação, foi acelerando os trabalhos para começar o movimento na oportunidade que se apresentasse.

Ora, conspirar é um grande risco. O chefe tem que lidar com muita gente; por maior que seja a descentralização o sigilo pode ser prejudicado. O segredo pode cair no ouvido de outros que não convenham, mesmo que não sejam governistas e daí resultar fracasso; para maior segurança o Marechal, com seu longo tirocínio, tendo tomado parte ou acompanhado todo o ciclo revolucionário, desde 5 de julho de 1922, estabeleceu alguns compartimentos estanques dentro do conjunto e nunca deu ciência a ninguém do local, dia e hora do começo do movimento.

Tempos depois, quando já tinha base segura nos corpos de tropa, preparou a estratégia do movimento, condensada em 5 pontos principais:

1º ponto — Para sair o movimento é preciso que haja grande motivação no povo e Forças Armadas.

2º ponto — Deve ser começado num grande Estado e nele ter o apoio completo de seu Governo.

3º ponto — Para maior sigilo, o dia, hora e local do começo serão transmitidos pelas rádios comerciais, com a informação de que o Marechal Denys está lá — como senha.

4º ponto — Ao ter conhecimento da informação, cada unidade faz o levante e domina a situação local.

5º ponto — Marchar em seguida para ocupar Recife, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre.

O movimento já estava em condições de ser iniciado quando se deram os graves acontecimentos de março, com o Comício da Central e as indisciplinas de marinheiros e fuzileiros com o Cabo Anselmo; para culminar, ia haver na noite de 30 de março o banquete de Sargentos e praças ao Presidente da República. Alarmados, o Congresso, as Assembléias e os jornais acirraram a oposição ao Governo; vieram também as marchas das famílias, em vários pontos do País, de protesto, formulando apelos para a intervenção das Forças Armadas.

Viu o Marechal que era chegada a hora de começar a luta armada. No dia 26 de março, entra em contato com dois emissários do Governador Magalhães Pinto, os Drs. PIERUCETTI e MONTEIRO DE CASTRO, a quem deu informações da gravidade do momento; no dia 28, foi a Juiz de Fora, ao encontro do Governador de Minas Gerais, Dr. Magalhães Pinto, que o estava esperando no aeroporto local, acompanhado dos Drs. ALKMIM, PIERUCETTI e MONTEIRO DE CASTRO, seus Secretários de Governo, do Comandante-Geral, Coronel José Geraldo de Oliveira, e alguns oficiais superiores da Polícia Militar do Estado, bem como do General Mourão, Comandante da 4ª Região Militar, com sede em Juiz de Fora.

Nessa reunião, fez o Marechal Denys, primeiramente, um exame da situação, que julgava extremamente grave; via-se que estava em andamento o golpe que o Governo queria dar para implantar no País o regime sindicalista. Este seria dado no dia 1º de maio, seguinte, com a outorga de uma Constituição. Era semelhante ao golpe de 1937, pois antes seria feita a intervenção no Estado de Minas Gerais. Disse mais que teve conhecimento desse intento do Governo por um amigo, Governador de um Estado.

Depois enumerou o Marechal os elementos com que contava a Conspiração, que vinha fazendo preventivamente, desde fins de 1962; em seguida, fez um apelo para a entrada imediata de Minas Gerais, como aliada das Forças Armadas Revolucionárias, por ele ali representadas para depor o Presidente da República e assim impedir esse seu intento.

No fim de hora e meia de entendimentos, o Governador ficou de acordo e ali mesmo foi marcado o dia 31 de março, pela manhã, para começar o Movimento.

É de se notar como os acontecimentos finais ocorreram em seqüência rápida: no dia 26 de março, primeiro contato com o Governador de Minas, dia 28, acordo e, dia 31, começo do Movimento.

A surpresa foi geral e o desfecho fulminante. Em Belo Horizonte, funcionou, de modo magistral, a cadeia de informações pelo rádio e as adesões foram chegando de vários pontos do País.

Na noite do dia 31, deu-se o grande acontecimento que fez pender rapidamente a balança a favor da Revolução. Sabendo o Cel. João Batista da Costa, Chefe do Estado-Maior da Região, que vinha do Rio um destacamento para dominar o levante de Minas, mandou seu filho Milton Batista da Costa, civil, a Três Rios, para verificar o volume da tropa, a unidade que vinha na vanguarda e quem a comandava. De lá, informou ele, pelo telefone, que o Destacamento era composto de 3 Regimentos de Infantaria, Artilharia e outros elementos sob o comando de um General e que, na vanguarda, vinha o 1º Regimento de Infantaria Sampaio, comandado pelo Cel. Raymundo Ferreira de Souza. Em resposta, o Cel. Batista disse ao filho para chamar o Coronel Raymundo ao telefone. O Coronel Raymundo era amigo e tinha sido secretário do Marechal Denys; assim, quando ele, em Três Rios, veio ao telefone, quem o atendeu, em Juiz de Fora, foi o Marechal, que lhe deu informações e lhe fez um apelo para se reunir aos revolucionários. Aí lhe disse o Coronel Raymundo: "Marechal, pode contar comigo e com minha tropa"; o Marechal, em resposta, depois de enaltecer o patriotismo de sua decisão, avisou que iria ao seu encontro na Ponte do Paraibuna, onde estava a vanguarda revolucionária, sob o comando do General Muricy. Indo até lá, na noite chuvosa, depois de fazer a comunicação do ocorrido e estabelecer a ligação das duas vanguardas, disse o Marechal ao General Muricy que

tomasse a ofensiva em direção a Petrópolis, pois o resto do Destacamento governista iria naturalmente se solidarizar, acompanhando o heróico Regimento Sampaio. E assim aconteceu.

Essa grande solidarização de unidades da Guarnição do Rio de Janeiro, quando conhecida, foi impressionante em suas conseqüências. Os acontecimentos se precipitaram em todo o País; no dia 1º de abril, o Presidente abandonou o Rio de Janeiro e o General-de-Exército mais antigo no Rio assumiu o Comando Geral do Exército. Veio, em seguida, a criação do Alto Comando Revolucionário, composto dos 3 Ministros Militares, depois substituído pelo 1º Presidente da Revolução, eleito pelo Congresso Nacional, depois de ter sido considerado vago o cargo de Presidente.

No interior do País, a situação evoluiu rapidamente a favor da Revolução, pela atuação simultânea das Forças Armadas. Recife foi dominada pela própria guarnição, que depôs e prendeu o Governador do Estado.

Para Curitiba, seguiu tropa de São Paulo e Santa Catarina, tendo, porém, se solidarizado o Governo estadual e guarnição, antes da chegada das mesmas.

No Rio Grande do Sul, sob os comandos dos Generais Camarinha, Poppe de Figueiredo e Adalberto Santos, se solidarizaram com a Revolução todas as unidades da Serra, da Campanha e da Fronteira; em seguida, marcharam na direção da capital do Estado. A cidade de Porto Alegre recebeu com entusiásticos aplausos o forte Destacamento composto de representações de todas as Unidades do interior do Estado, que tinha à sua frente o Comandante do III Exército Revolucionário, General Poppe de Figueiredo e o Governador do Estado, Dr. Hildo Meneguetti, que viera de Passo Fundo. Com esse admirável pronunciamento da tropa do III Exército, foi anulada a triste página da incompreensão de 1961.

A vitória foi um deslumbramento para os condutores e executores do movimento, ao verem coroados de tamanho êxito o trabalho de discríção e tato desenvolvidos na grande coordenação que foi feita.

Cumpriram de modo exemplar seus compromissos todos os companheiros, nessa luta de vida ou de morte. Ficaram fiéis à Pátria, naquela terrível emergência, em que a mística da legalidade vinha sendo explorada pelos comunistas, a seu favor, como em 1961, a fim de implantarem facilmente, em nosso País, as instituições e ideologia execradas do marxismo.